

UM CURRÍCULO HOSPITALAIREM REDES DELIRANTES: ESCAPES ÉTICOS, ESTÉTICOS E POÉTICOS

A CURRICULUM HOSPITALITY IN DELIRIOUS NETWORKS: ETHICAL, AESTHETIC, AND POETIC ESCAPES

UN CURRÍCULO HOSPITALARIO EN REDES DELIRANTES: ESCAPAS ÉTICAS, ESTÉTICAS Y POÉTICAS

Alisson Clauber Mendes de Alencar¹ 0000-0001-8242-1818

Carla Patrícia Acioli Lins² 0000-0001-6941-4656

¹ Universidade Federal de Pernambuco – Caruaru, Pernambuco, Brasil; alisson.alencar@ufpe.br

² Universidade Federal de Pernambuco – Caruaru, Pernambuco, Brasil; carla.acioli@ufpe.br

RESUMO:

Este artigo propõe uma reflexão teórico-poética sobre um currículo outro, constituído na interseção entre a hospitalidade derridiana e as noções de currículo em redes, inspiradas em Alves (2003), Ferraço (2016) dentre outros. Partindo da ideia de que a concepção majoritária de currículo, tal como grade e/ou (re)arranjos curriculares, não sustentam a complexidade dos encontros escolares, daí porque, pensamos o currículo como redes delirantes, um espaçotempo de escapes éticos, estéticos e poéticos. Como linhas de escapes a hospitalidade, em sua radicalidade incondicional, convoca-nos a receber o outro que chega sem nome, desorganizando certezas e reinventando saberes a cada encontro, movem as redes curriculares que nos dão apenas a ideia de que o currículo não se reduz a documentos prescritivos, mas tece-se nos cotidianos, nas conversas, nos olhares, nos silêncios – todos fios potentes nas tessituras possíveis a hospedar quem chega à escola. O delírio, compreendido como potência de invenção, emerge como linha de fuga das amarras do currículo-prescrição, lançando-nos a currículos-outros, plurais e imprevisíveis. Argumentamos por um currículo hospitalairste em redes delirantes, que acolhe as diferenças como mistério, inventa palavras novas e se faz permanentemente entre as composições das linhas que se movem nos territórios escolares. Transbordamos uma aposta em pensar-fazer educação com gesto de amor e hospitalidade, movimentando-nos contra correntes aprisionantes, (re)criando e (en)cantando com/nos movimentos dos currículos e hospitalairstes escolares.

Palavras-chave: hospitalidade; currículo-delirantes; currículos em redes; cotidiano escolar.

ABSTRACT:

This article proposes a theoretical-poetic reflection on an alternative curriculum, situated at the intersection of Derridian hospitality and notions of networked curricula, inspired by Alves (2003), Ferraço (2016), and others. Starting from the idea that the mainstream conception of curriculum—such as a grid and/or curricular (re)arrangements—does not account for the complexity of school encounters, we therefore conceive of the curriculum as delirious networks, a space-time of ethical, aesthetic, and poetic escapes. As lines of escape, hospitality, in its unconditional radicalism, calls us to welcome the other who arrives nameless, disrupting certainties and reinventing knowledge with each encounter; these movements of curricular networks lead us to believe that the curriculum is not reduced to prescriptive documents, but is

woven into the everyday, in conversations, in glances, in silences—all potent threads in the possible weaves that host those who arrive at school. Delirium, understood as the power of invention, emerges as a line of flight from the bonds of the prescriptive curriculum, launching us into other, plural, and unpredictable curricula. We advocate for a hospitable curriculum within delirious networks, one that welcomes differences as mystery, invents new words, and is constantly being formed amidst the interplay of lines that move through school territories. We are deeply committed to approaching education with love and hospitality, swimming against restrictive currents, (re)creating and (en)chanting through the movements of school curricula and hospitality initiatives.

Keywords: delusional curricula; hospitality; networked curricula; school life.

RESUMEN:

Este artículo propone una reflexión teórico-poética sobre un currículo alternativo, que surge de la intersección entre la hospitalidad derridiana y las nociones de currículo en red, inspiradas en Alves (2003) y Ferraço (2016), entre otros. Partiendo de la idea de que la concepción mayoritaria del currículo, tal como la malla y/o los (re)arreglos curriculares, no sustenta la complejidad de los encuentros escolares, por eso concebimos el currículo como redes delirantes, un espacio-tiempo de fugas éticas, estéticas y poéticas. Como líneas de escape, la hospitalidad, en su radicalidad incondicional, nos convoca a recibir al otro que llega sin nombre, desorganizando certezas y reinventando saberes en cada encuentro; mueve las redes curriculares que nos hacen pensar que el currículo no se reduce a documentos prescriptivos, sino que se teje en lo cotidiano, en las conversaciones, en las miradas, en los silencios —todos hilos potentes en los tejidos capaces de acoger a quien llega a la escuela. El delirio, entendido como potencia de invención, emerge como línea de fuga de las ataduras del currículo-prescripción, lanzándonos hacia currículos-otros, plurales e imprevisibles. Abogamos por un currículo hospitalario en redes delirantes, que acoge las diferencias como misterio, inventa palabras nuevas y se construye permanentemente entre las composiciones de las líneas que se mueven en los territorios escolares. Nos comprometemos plenamente a concebir y llevar a cabo la educación con un gesto de amor y hospitalidad, nadando contra corrientes opresivas, (re)creando y (en)cantando con y a través de los movimientos de los planes de estudios y la hospitalidad escolar.

Palabras clave: currículos delirantes; hospitalidad; currículos en red; vida escolar cotidiana.

Prelúdio: o chão que treme... versos iniciais

Geo-grafias do cuidado: mensagens que nos habitam e nos hospedam

Há mensagens que não cabem nos livros.
Elas se inscrevem nos muros da escola,
riscos de giz, nomes entrelaçados,
setas apontando para direções incertas.
São vestígios de quem passou,
assinaturas de afeto que resiste
ao anonimato dos corredores.

Há mensagens que piscam nas telas
o vídeo que um aluno envia ao cair da tarde,
o meme que traduz a matéria em gracejo,
o e-mail que carrega não só dúvidas,

mas o tremor de uma voz que pede acolhida.

E há as mensagens que não usam palavras:
o sorriso que se abre como um guarda-chuva
num dia de tempestade, o olhar que reconhece no outro
um território de possibilidades,
o silêncio compartilhado que diz mais
que mil discursos, o cotidiano é surreal.

Estes são os escapes sagrados
da prática docente forjada
na hospitalidade incondicional
quando a aula vaza pelas frestas
e se faz encontro, acontecido.

É o professor que escuta com as mãos,
que vê com o coração,
que percebe nos cheios e vazios
a *carto'grafia* vivida do estudante.

São gestos mínimos que revolvem o mundo:
a pausa para o café oferecido,
o lembrete de que há vida além da prova,
a pergunta que não é sobre o conteúdo,
mas sobre o ser, tudo bem?!...

Esta educação tecida de sentidos
não se mede em créditos ou notas
sente-se, vive-se em sementes plantadas
na suspensão do tempo cronos, nos escapes do não planejado,
nas esquinas e intervalos dos imprevistos.

E nesse mapa aberto,
cada mensagem no muro, na tela, no rosto
é um ponto luminoso na constelação do possível.
O currículo, não citado, está em tudo isso e nos *atravessa*.

Alencar, 2026¹.

Há um tremor nas estruturas. No *espaçotempo*². As grades curriculares, outrora assim denominadas, porque sólidas como ferros de jaula epistemológica, já não seguram os corpos que nelas tentamos encerrar. Estalam. Vibram. Produzem ruídos. Fissuras são forjadas nos interstícios entre práticas e um conteúdo e outro, nos vãos que a máquina burocrática não

¹ As poesias foram elaboradas em parceria e sob a mediação da Professora/Poetisa Carla Patrícia Acioli Lins.

² Estética de escrita utilizada por autores envolvidos nas pesquisas no/do/com os cotidianos. A aglutinação destas palavras é pensada como uma atitude investigativa, a exemplo de Ferraço e Alves (2018) que as confeccionam como possibilidade de romper com a dicotomização instaurada pela ciência moderna, intencionando ainda, a estruturação de um sentido outro.

consegue selar. E são nesses intervalos que algo escapa.

Algo que chega sem avisar, sem pedir licença, sem trazer bagagem, sem importar o nome ou de onde veio. Algo que nos convoca a uma outra postura diante do outro que adentra a sala de aula, a escola e as existências de seus habitantes que nos convidam as movências. Somos chamados a transgredir, temos um currículo (rio-curso) a seguir... sem esquecer que estamos a nos movimentar, docentes e currículos, por linhas molares, moleculares e de fugas.

Como nos rememora Silva (2004, p. 15), “[...] o currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso”. Mas que percurso temos pensado, temos construído e estamos a trilhar? Uma estrada de mão única, asfaltada por certezas e sinalizada por conteúdos programáticos? Atalhos sinalizados por interesse do mercado? Ou trilhas que se abrem aos encontros, aos desvios, aos imprevistos, aos encantamentos convidados pelas paisagens? Pois

Não nos basta seguir o já traçado,
É preciso inventar novos caminhos,
No currículo, de sopros encantados,
Na pesquisa, com olhares entre espinhos,
Na educação, um gesto ousado,
(Re)Criando palavras em desalinhos.
Criatividade é semente a florescer,
Na escola, no chão que pulsa e respira,
Inventividade é o gesto de *ousarsaber*,
É na pergunta que a alma suspira,
É em um novo ousar-acontecer,
É nas transgressões que a gente se inspira.

Alencar, 2026.

Este artigo-escape-delirante-poético não intenciona oferecer respostas. Vem se incorporar as linhas de Alencar e Acioli Lins (2025) que tecem conversas com /nos processos formativos com professores e professoras, para tramar, com fios poéticos, possibilidades de currículos outros. Currículos que não se contentam em ser grades, listas, sequências hierarquizadas de conteúdo ou ofertas customizadas de saberes. Currículos que se fazem, que se criam em aberturas, na e em tessituras-redes, como nos versam Ferraço (2016), Alves (2003) dentre outros que pesquisam contemplando os cotidianos escolares. E mais, um currículo-sensível a hospedar pessoas, complexidades e inteirezas.

Currículos que sejam, simultaneamente, *abrigo e travessia*. Porto e embarcação. Raiz e voo. Currículos que, como dito por Pinar (2011, p. 23), não seja apenas *currere*, o correr do

curso, mas também *currens*, o que corre, o que flui, o que não se deixa aprisionar. Assim vamos seguindo, delirando por *entre-pá'avras* e encontros *di'versos*.

Criando, recriando, escapando por brechas, delirando na escrita, reinventando-se em poesia, em prosa, em versos e em fugas. Perdendo-se e encontrando-se nos processos criativos, de escrita, de diálogos conosco e com outros e outras que nos atravessam os pensamentos. Somos intuitivos(as) artesãos (ãs) de palavras e fazedores (as) de encontros. Percebedores(as) dos acontecimentos cotidianos, que nos atravessa em lanças-perguntas *di'versamente* –

Com quantas poesias fazemos um cordel?
Qual a melhor agulha para se costurar?
Será que a Cartografia pode nos ajudar!?
Rabiscar versos no corpo, faz de mim um papel?
Vamos transgredir entrelinhas, escrever texto a pincel?
E de qual escola-currículo estamos falando?
Escutas, sinais e fugas estamos mapeando
Na escola estamos a Cartografar a Hospitalidade?!
Quantas expressões *escapantes* vimos na proximidade?
Sobre *artesanias* destes cotidianos vamos *con'versando*...

Alencar, 2026.

Fios que nos movem: propósitos...

Mote³:

Tecer, com fios de conceitopoesia,
currículos possíveis
que acolhem as diferenças os *di'versos*,
que delira nas redes cotidianas dos indizíveis,
que escapa pelas frestas do prescrito
E pra gente só resta senti-los, pois eles são invisíveis.

Glosa⁴:

Entrelaçar hospitalidade e currículo
Que o outro que chega nos desorganize
E que a ética do acolhimento anteceda
Nesse processo o cotidiano se priorize,
Quando o currículo em suas linhas se fizer hostil
Para as gentes que habitam, imaginam e criam cotidianos
Enlaçando-o com afetos... o sensibilize.

Glosa:

Cartografar as currículos-redes delirantes

³ Verso poético que se apresenta como horizonte de um tema para uma composição poética. Pode ser uma frase curta que resume uma ideia ou lema, um título/tema de um assunto.

⁴ Jogo poético de palavras que ampliam e desenvolvem as ideias presentes no mote.

*Onde o currículo perde o juízo e ganha potência,
Quando os afetos se estreitam com a poesia,
Revisitando a história com imanência
Nos encontros das linhas e entre-redes
Vamos Con'fabulando e produzindo conhecimentos
Capazes quem sabe de criar outros mundos.*

*Glosa:
Inventariar palavras para mundos outros
A linguagem burocrática não vai dar conta,
Que crianças e poetas se pronunciem em versos,
Que habitem a escola de ponta-a-ponta,
Que nossa escrita seja só respeitada
Pois ela é hóspede... e não afronta.*

Fonte: Alencar, 2026.

Tessituras teóricas: que também se faz fundamento ético - estético - poético

Pensar um currículo hospitaleiro em redes delirantes não é exercício de abstração vazia. São escapes, são gritos que ecoam nos corredores das escolas, gritos de estudantes que não se encontram com conteúdos que lhes são (im)postos, gritos de professores que sentem em seus corpos e existências o peso de um sistema que os reduz a executores, a tarefeiros de prescrições de currículos moleculares que ganham forma de “pacotes prontos, arranjos curriculares”, gritos de corpos que não cabem nas carteiras enfileiradas do currículo-prescrição, como nos diz Guaraná e Salles (2024); Silva, Santos e Acioli Lins (2023); Acioli Lins e Campos (2020), e que se abrem a inventar outras linhas, não para delimitar mas para borrar. Por isso, estamos aqui insistindo em fugas.

Nesta *con'versa* tecida nas linhas criadas e pensadas aqui, trazemos para *con'versar* conosco Oliveira (2003). Ela versa o cotidiano escolar como espaço-tempo privilegiado de produção curricular, muito além do que está previsto nas propostas oficiais, pois é nos interstícios, nos intervalos, nas prosas de corredor que o currículo ganha vida, se alegra, *so'rri*, e se tece. Ferraço e Gomes (2015), outros *con'versadores*, glosam e professam que a articulação entre os saberes curriculares cotidianos e as culturas vividas pelos sujeitos praticantes dos cotidianos nos impulsionam a pensar sobre currículo para além dos textos oficiais, envolvendo-o nos domínios das redes de *saberesfazeres* tecidas em meio a um campo de significação presente na escola. Assim seguimos, poetizando pensamentos...

Há hospitalidades possíveis, currículos vivos de encontros
Que se dão as mãos e se ligam com pontos

Que criam fugas e escapes, (re)criam prazeres
Com aproximações vêm ensino-aprenderes
Que nos dizem, somos forjados em redes cotidianamente
Escrevemos sentimos ou não... deliberadamente
Nos atrevemos feito Manoel, barro maleável
Com palavras esse chão treme, é permeável
Versamos ética' - estética' - *po'ética'mente*

Alencar, 2026.

É a partir destas redes e tramas que nos envolvemos e nos enrolamos com a hospitalidade derridiana, que nos atravessa com toda sua radicalidade. Nas linhas de Derrida (2003, p. 29), “[...] a hospitalidade absoluta exige que eu abra minha casa não apenas ao estrangeiro provido de nome, de estatuto social, mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo”. Discentes chegam ao território da escola como linhas, emaranham-se desorganizam, e como dizem Alencar e Acioli Lins (2024) criam outros movimentos possibilitando acolhimento tal como um imigrante que é visto e ‘acolhido’ pelos presentes.

Con’versando com Derrida, que nos traz a noção de hospitalidade, nos convidando a *con’versar* sobre currículo, tecemos a ideia de que um currículo-escola hospitaleiro não é aquele que recebe o estudante descrito, categorizado, idealizado em manuais e avaliações diagnósticas. É aquele que se abre ao imprevisível, as surpresas provocadas por àqueles que chegam sem bagagem, sem documentos, sem identificação prévia. Àqueles que, ao adentrarem a sala de aula, não pedem licença, porque a licença já lhe é devida por direito de existir. E são nestes encontros cotidianos inesperados que reafirmamos a escola como um espaço de acolhimento, de afetos, de hospitalidades, de tensões, de conflitos e hostilidades, e... e... “Pra não dizer que não falei das flores”⁵... e dos vasos...

Reconhecemos que pensar a escola sob estas perspectivas é profundamente incômodo. Porque o outro que chega sem nome nos desorganiza, inquieta, nos provoca afetos, nos tira do lugar. Nos ‘obriga’ a repensar-refazer o que já foi planejado. Nos convoca a uma ética do acolhimento que antecede qualquer conteúdo programático. Assim, para pensar um currículo hospitaleiro, trazemos os escritos de Simões, Alencar e Acioli Lins (2023) que reforçam o exercício de abraçar os cotidianos e se deixar afetar pelos outros. Que não impõe ao recém-chegado a obrigação de se adaptar, mas que se desmancha e se refaz a partir de sua presença. Estreitando essa perspectiva, Derrida (2003) *con’versa* que:

⁵ Ideia-licença poética que trouxemos para não se projetar uma romantização das relações cotidianas que são costuradas no tecido-curriculo-rede-escola.

[...] a obrigação única que cada um de nós tem com o outro, e leva a uma hospitalidade pura ou incondicional [...] A hospitalidade pura ou incondicional, a hospitalidade em si, abre-se ou está aberta previamente para alguém que não é esperado nem convidado, para quem quer que chegue como um visitante absolutamente estranho, como um recém chegado, não identificável e imprevisível, em suma, totalmente outro (Derrida, 2003, p.15).

A hospitalidade é antes de tudo uma disposição da alma, aberta e irrestrita. Ela como o amor incondicional, não rejeita, nem discrimina ninguém. É simultaneamente uma utopia e uma prática. Como utopia representa um dos anseios mais caros da história humana: de ser sempre acolhido independentemente da sua condição social e moral e de ser tratado humanamente. Como prática cria as políticas que viabilizam e ordenam a acolhida. Mas por ser concreta sofre os constrangimentos e as limitações das situações dadas (Boff, 2005, p. 198).

Expressamos em nossas inquietudes, o que nos parece óbvio, a escola com seus - currículos, vai muito além de ambiente/documentos, de construção/apropriação de conhecimentos e saberes (artísticos, científico, simbólico...) socialmente construídos e relevantes, a escola/currículo rede é um território de diferentes prosas, de conversações, de diálogos, de encontros, de afetos, de acolhimento e de gestos hospitalieiros.

Entre instantes, escapes sensações,

O currículo não é papel só escrito,

Mas um campo de experimentações,

Um território aberto e infinito,

Que escapa a tantas previsões,

Movimento que foge ao prescrito.

São redes de tessituras e insurgências,

Imprevisíveis, múltiplos, em devir,

Heterárquicos, cheios de emergências,

Que não se deixam capturar ou definir,

Metamorfoseados em existências,

Feitos de encontros que estão por vir.

No chão batido de pés e de mãos,

Onde afetos tecem outras cartografias,

Atravessam sorrisos em contramãos,

Sacadas por cima da corda vazando dias,

Currículos vivos, em versos e chãos,

Feitos de gente, de sol, de poesias.

Alencar, 2026.

Na Figura 01, a sala de aula deixa de ser moldura rígida e se derrama em movimento. O chão, antes território de carteiras enfileiradas, torna-se palco de corpos que experimentam, giram, caem e reinventam o próprio *ensinaraprender*. Estudantes e professor coreografam de modos espontâneos, vivos, indisciplinados no melhor sentido da palavra. Ali, o currículo

escapa. Escapa quando o corpo fala antes do caderno. Escapa quando o gesto vira linguagem. Escapa quando o riso atravessa a norma e cria outros rostos com menos sisudez.

Entre mesas afastadas e olhares curiosos, o conhecimento não se prende às grades curriculares invisíveis da escola. Ele se infiltra nas brechas, no chão ocupado, no movimento improvisado, na liberdade de experimentar sem roteiro. O conteúdo deixa de ser apenas prescrito e passa a ser vivido, sentido na pele, no equilíbrio instável, na partilha entre pares.

Esse é o currículo vivo, não aquele que se encerra no papel, mas o que pulsa nos intervalos, nos desvios, nas margens do previsto. Um currículo que respira nos escapes, onde o *aprenderensinar* não pede licença, apenas acontece (Figura 1).

Figura 01: Currículo-redes-movimentos.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Quantos escapes há no chão da escola,
Pra gente acolher, pra gente hospedar?
Você pode perguntar, sem demora,
Se a aula consegue mesmo se transformar,
Entre conteúdos que o tempo engaiola,
Mas que podem, nas redes, se reinventar.
Os temas das geografias se expandem,
Nas atividades que unem o estudar,
Propostas lúdicas que nós/eles entendem,
E o coletivo começa a pulsar,
Quando os encontros acontecem,
Torna possível a sala inteira jogar.
Após as letras, o texto se finda,
Mas a prática vem para germinar,
De salas diferentes, a turma ainda,
Se junta para juntos se encontrar,

Nos currículos, a vida não é linda?
É no encontro que podemos escapar.

Alencar, 2026.

Con 'versando com Lima (2021), a autora nos afeta ao dizer que, ao invés de olharmos o currículo-escola apenas numa dada direção, é fundamental permitir-se olhar para o que está sendo feito na escola, pois a vida está lá acontecendo, com toda sua plurissingularidade. Carvalho (2009) complementa que perspectivar o currículo como redes de conversações e ações complexas remete à compreensão de que conhecimentos, informações, signos, significações, afetos e afecções são produtos das relações estabelecidas com os outros e dos outros entre eles.

O currículo é bordado versado,
De palavras e encontros a tecer,
Nas conversas que dançam sem pecado,
Entre fios do cotidiano a viver,
Redes, linhas, rimas *con 'versos*,
Onde a poesia se forja em saber.
Do tecido, a gente espreita,
Possibilidades outras de criar,
Com as vidas que a escola por vez aceita,
Acolhimentos vão nos aproximar,
E cada encontro, cada certa feita,
É remendo que ajuda a transformar.

Alencar, 2026.

Nesse contexto, a escuta, os sentires, os agires e os olhares se tornam a linha central dessa trama. Ela ecoa pelos corredores da escola, captando os murmúrios, os cochichos e os olhares e gestos dos estudantes e professores. E, ao ouvir atentamente, o *currículoescola* se transforma em um caleidoscópio de possibilidades e escapes.

Este texto, verso, tecido, é como um convite à reflexão, que busca ser uma ponte, fio, rima entre *teoriaprática* e *práctateoria*, entre o sonho de uma escola mais humana e a urgência de construí-la, ponto a ponto, linha a linha, tete a tete, no chão da sala de aula, no ateliê educativo, na usina escolar.

Nós, docentes, nos tecemos e nos enlinhamos em planejamentos curriculares tomados por fios condutores que não aprisionam, mas guiam com sensibilidades e criam possibilidades para outros tantos outros encontros, *saberesfazeres* afetuosos. Contudo, hospedar o outro na escola não é gesto ingênuo. Derrida (1997) já nos alertara que a hospitalidade absoluta é uma

impossibilidade, pois sempre coexiste com regras e fronteiras. O currículo hospitaleiro, portanto, não nega conflitos nem tensões, mas os assume como matéria-prima para o diálogo. Já dizia o Poeta Barros (2000): É preciso transver o mundo.

Interlúdio: conceitos, currículos, cartografias em redes

Como e quem chamar para essa parte da conversa?! Vamos repetir e falar novamente sobre hospitalidade em Derrida. Repetir, repetir até ficar diferente, repetir é um dom de estilo, Barros (1993). A hospitalidade, em Derrida, não é um gesto menor. Não se trata de receber aquele que já esperamos, aquele cujo nome já inscrevemos na lista de convidados. A hospitalidade derridiana é *incondicional*, ou não é hospitalidade. Kohan (2007, p. 131) nos ajuda a pensar que um currículo hospitaleiro aguça outras possibilidades: “dar espaço a essa língua, aprender essa palavra e atender esse pensamento”. É mais vivido do que dito. É cotidiano sentido, impregnado de afetos.

Insistimos em caminhar e tecer com Lima (2021) que acrescenta que um currículo hospitaleiro não se baseia na noção de hospitalidade encarada como direito, condicionada, com regras, deveres, questões prontas. A autora nos dá a pensar currículos hospitaleiros tal como linhas de fugas que se enredam com outras linhas forjadas em movimentos cotidianos forjados no/com e pelo território escolar escapando às receitas prescritas, às grades de conteúdos frios são *acontecimentos*.

Trazemos os ditos de Alves (2003, p. 62), para ela “o currículo é tecido nos fios do cotidiano escolar, nos gestos miúdos, nas conversas de corredor, nos olhares trocados, nos silêncios que dizem mais que discursos”. E os enlinhamos com as linhas de Ferraço (2008) este diz que: “o currículo é feito de encontros”. Encontros entre corpos, entre saberes, entre afetos. E é nesses encontros que algo escapa, algo que não estava previsto, algo que fura a grade, algo que *delira*. Assim, estamos aqui nesta tentativa de delírios, escapes e fugas...

Seguindo essa linha, Oliveira (2012, p. 18) complementa: “Os currículos são feitos de tessituras, de fios que se emaranham, de redes que se formam nos cotidianos escolares, nas conversas, nas trocas, nos silêncios”. E nós acrescentamos, os currículos são composições poéticas delirantes, que atravessam as realidades.

Delirar, aqui, longe de ser patologia, é ser *potência de invenção*. Deleuze e Guattari (1995, p. 27) nos convidam a pensar “o delírio como uma potência do impessoal”. É quando deixamos de falar em nome próprio e passamos a falar em nome dos encontros, das multiplicidades, das intensidades. O currículo delirante é aquele que não se pretende uno, mas

que se abre à multiplicidade de vozes, de corpos, afetos, sentires e saberes.

Escapes poéticos: inventariar palavras para mundos outros

Repleto de invencionices, Manoel de Barros (2000, p. 09) nos convida e nos provoca: “As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças e bêbados”. O currículo poético é aquele que permite a embriaguez da linguagem. Que não teme o *non-sense*, o absurdo, o paradoxo. Lispector (1998, p. 13) nos provoca: “A palavra é o meu meio de comunicação. Eu só poderia amá-la. Eu jogo com as palavras como se elas fossem dados de um jogo de azar”.

Convidamos Camoes e Frangella (2025), que convidam Lispector e seus ditos sobre o fluxo descontínuo e não linear da escrita como possibilidades para tecer-se um currículo inventivo, aberto à diferença, e à multiplicidade de escapes, como convite ético e estético para pensar a escola como espaço de experiências partilhadas, onde as interações e fugas, assim como o currículo, funcionam como atos de invenção, resistência e expressão das diferenças.

Quantas e tantas concepções de currículo podemos trazer para essa prosa?! Paraíso (2016, p. 11) nos inspira ao somar, conosco e com outros, assumindo que “o currículo não é um documento, é uma conversa infinita” e como conversas que seguem seus fluxos imprevisíveis, despreocupadas com o tempo que nos cerca e nos rouba, abre possibilidades para a embriaguez, para as imprevisibilidades e surpresas do jogo, um currículo em devir.

Visto por outros lados, o currículo pode ser olhado sob outras perspectivas, nesse sentido Goodson (2001, p. 43) aponta que o currículo também “é uma arena de conflitos, de disputas, de negociações, nele se confrontam diferentes visões de mundo, diferentes projetos de sociedade”. Entre as linhas molares, moleculares e de fuga os currículos se forjam em movimentos ora includentes - excludentes, ora (des)respeitosos, (in)tolerantes. Embriagados(as), convidados(as) a pensar o currículo, uma pergunta, entre muitas não escritas aqui, invade nosso pensamento: quais currículos estamos praticando e quais mapas nos atravessam?

Acompanhamo-nos das escritas de Rolnik (2006, p. 23) que afirma: “Cartografar é acompanhar processos, e não representar objetos”. Garcia (2002, p. 57) nos convida à reflexão e diz que: “É preciso cartografar os cotidianos escolares para neles encontrar os currículos praticados, as alternativas criadas, as resistências tecidas”. Assim, seguimos caminhando e sendo atravessado por currículos e cartografias.

Em cada momento formativo, em cada percurso trilhado, a cada palavra dita, a cada passo dado - quilômetro percorrido, acolhimentos e hospitalidades fazem-se presentes. Nossos

saberes-fazeres-curricu'lares são (re)construídos no/com os cotidianos, que são costurados, versados, bordados e partilhados com sensibilidades, sendo expostos sob a luz de tantas lentes, ouvidos, olhos e sentidos. Se desse para *sentirescutar* o barulho das conversas presentes em cada imagem dessa, seus olhos estavam cheios d'água agora. O acontecimento da aula é um fenômeno artístico, mágico, potente e sensível. Isso é um grão do cotidiano vivificado por nós, tracejado por linhas de fuga formativa e escapes inventivos.

Na Figura 02, o currículo se senta no chão e fala baixo. Em roda, os corpos inclinam-se, os ouvidos se aproximam e, entre cochichos, nascem outros saberes que não passam pelo quadro, mas pelos afetos de quem se dispõe a outras coreografias curriculares. Ali, nas brechas do tempo e das regras, a aprendizagem escapa. Escapa na conversa sussurrada, no riso contido, no segredo partilhado que tece sem parecer *ensinoaprendizagem*. As grades da escola não alcançam esses encontros miúdos. Porque é no quase silêncio dos cochichos que o currículo vivo acontece, feito de escuta, cumplicidade e invenção.

Figura 02: Carto(foto)grafando cochichos.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Poslúdio: por uma educação que não teme o escape

Ao final (ou seria começo?) desta escrita, fica o convite: que possamos habitar nossos currículos como se habita uma casa em constante reforma. Que não tenhamos medo dos escapes, das fugas, dos desvios. Que aprendamos a delirar juntos.

No chão, paredes, tetos e quintais de terras da escola,
o currículo escapa,

Foge da grade, do plano, do papel,
Pelos corredores, feito seiva,
Vai tecendo caminhos em fio de mel,
Não cabe no quadro, na prova, na rua,
Pois currículo vivo é sol que flutua,
Feito de encontros, de riso e de fel.
Escapa nos olhares trocados sem pressa,
No verso que um aluno inventou,
Na roda de conversa que começa e não cessa,
No abraço que o tempo guardou,
É currículo que dança, que ginga, que tropeça,
Que no meio do caminho uma pedra atravessa,
E por ela descobre que nunca acabou.

Um currículo hospitaleiro,
Nas redes de encontros a se tecer,
Deixa afetar-se por inteiro,
Pelas diferenças que há por nos ver,
Inventa palavras sem paradeiro,
Para realidades que estão por nascer.

Não teme o erro, nem a contradição,
Suas falhas não buscam esconder,
Porque é percurso e transformação,
Que é preciso escuro para a luz acender,
É nos vãos, na mais simples expressão,
Que o outro encontra espaço para tecer-saber.

Alencar, 2026.

As reverberações enlinhadas ao costurar um encontro entre um currículo hospitaleiro e as tessituras da prática docente como gesto ético, estético e poético não nos moveram na direção de respostas prontas, mas sim nos atravessaram em sentimentos e acontecimentos. Seguimos problematizando possibilidades. A escola é tecida também como espaço de encontros, um grande tecido que se compõe por fios diversos - fios de histórias, corpos, saberes e afetos que se entrelaçam. Propor um currículo escolar hospitaleiro é assumir o desafio de tecer-se numa trama educativa que não apenas acolha as diferenças, mas que possibilite (re)encantos, gosto e amor aos estudos, as existências e mundos.

Nos movimentos dos currículos delirantes, professores e professoras não são apenas “transmissor” mas artífices de enlaces, costureiros/as de futuros possíveis, tecendo, com fios de esperança e críticas, um amanhã justo e por isso, transgressor e acolhedor. Que venham os encontros. Que venham as linhas e as fugas. Que venham as redes. Que venham os delírios. E que nessa trama infinita, possamos aprender, finalmente, a *habitar*, com hospitalidade, os

mistérios do outro.

Versos inacabados

Antes do ponto, veio o fio.
Antes do tecido, a escolha do avesso.
Esta pesquisa não começou nos livros,
mas no desejo de separar os fios da educação
aqueles que apertam, daqueles que abraçam.

O currículo não é grade é rio.
São águas que correm, mudam de curso,
inundam margens, criam vida.
Mobilizamos linhas para pensar
um currículo que seja leito, não cela.

Fizemos mapas não para chegar,
mas para nos perdermos juntos.
Cartografias de escapes, rotas de fugas
que nos levaram de volta ao essencial:
o cotidiano como território sagrado
de encontros mínimos e intensos.

Chegou a hora do gesto simples e corajoso:
colocar a linha na agulha.
Não a linha da certeza, mas a da pergunta.
Não a agulha que fura, mas a que cose.

Nos entre-abraços da prática,
nesse quase chegar que é já acolher,
encontramos escapes.
Não fugas, mas respiros.
Poéticos, necessários, vitais.

Tecemos e nos tecemos.
Cada ponto dado é um passo na trilha de si.
Procuramos linhas para começar a terminar
sabendo que o arremate é só uma pausa
no tecido infinito da conversa.

Alencar, 2026.

Este verso inacabado nos convida a sentir a educação como um gesto têxtil e afetivo, antes da rigidez do ponto final, veio o fio solto da curiosidade. A pesquisa não nasce nos livros, mas no desejo de *sabarsentir* os fios que apertam daqueles que abraçam. O currículo não é uma grade fixa, mas um rio que transborda, feito de encontros cotidianos, mapas que nos permitem perder juntos, rotas que nos dão escapes. Num ato simples e corajoso, coloca-se a linha na

agulha, não a da certeza, mas a da pergunta, não a que fura, mas a que cose. Assim, *entre-abraçados*, tecemos e somos tecidos, sabendo que cada ponto dado é um passo na trilha de si, e o arremate, apenas uma pausa no tecido fecundo da conversa.

Referências

ACIOLI LINS, Carla Patrícia; CAMPOS, Darlene Eugênia de Moura. Os modos de ser estar e os saberes fazeres da docência atravessados pelas “parcerias” público-privado na Rede Pública de Ensino Municipal do agreste de Pernambuco. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 12, n. Especial, p. 610–623, 2020. DOI: 10.28998/2175-6600.2020v12nEsp610-623. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/debateseducacao/article/view/10123>. Acesso em: 20 jan. 2026.

ALENCAR, Alisson Clauber Mendes de; ACIOLI LINS, Carla Patrícia. HOSPITALIDADE E EDUCAÇÃO: notas (re)iniciais de uma caminhada formativa. In: BRACCHI, Daniela Nery; PAIVA, André Luiz dos Santos; SALES, Conceição Gislane Nóbrega de Lima; CARVALHO, Mário de Faria. (Orgs.). **Abordagens Contemporâneas da Educação**. 1 ed. São Paulo - SP: Pimenta Cultural, 2024. p. 21-32. DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.99628.1. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/abordagens-contemporaneas-educacao/>. Acesso em: 11 de mar. 2026.

ALENCAR, Alisson Clauber Mendes de; ACIOLI LINS, Carla Patrícia. Tecer(se) de teias, trilhas e “nós”: reflexões costuradas entre(as)linhas da hospitalidade e da profissionalidade docente no tecido escolar. In: FERREIRA, Andréa Tereza Brito; BONA, Viviane de (Orgs.). **TECENDO SABERES: diálogos e experiências em currículo, linguagem e formação de professores**. Campina Grande: Realize eventos, 2025. p. 207-226. Disponível em: <https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dipes-1/9o-epepe/publicacoes-9epepe>. Acesso em: 8 de abr. 2026.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP&A, 2003. p. 47-70.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CAMÕES, Maria Clara de Lima Santiago; FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS: o currículo das infâncias como experiências do “não ver”. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 25, n. 87, p. 1662-1676, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/1981-416X.25.087.DS01>. Acesso em: 15 fev. 2026.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP&A, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. **Sobre Cosmopolitismo e Perdão**. Routledge, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade**. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Currículos e conhecimentos em rede. *In*: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. (Orgs.). **O sentido da escola**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2008. p. 101-124.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; GOMES, Marco Antônio Oliva. POLÍTICAS DA DIFERENÇA NOS COTIDIANOS ESCOLARES: ou sobre problematizações das práticas curriculares com ênfase na diversidade. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 11, n. 20, p. 271-289, 2015. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/850>. Acesso em: 18 fev. 2026.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. ... **Currículos em redes**. Curitiba: CRV, 2016.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. CONVERSAS EM REDES E PESQUISAS COM OS COTIDIANOS: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. *In*: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 41-64.

GARCIA, Regina Leite. **Currículo e cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GOODSON, Ivor. **O currículo em mudança**. Porto: Porto Editora, 2001.

GUARANÁ, Carla Patrícia Acioli Lins; SALLES, Conceição Gislane Nóbrega Lima de. POSSIBILIDADES DE ESCAPES: os *espaçostempos* do cotidiano escolar e a inventividade de professoras em contextos de “parcerias” entre o público e o privado. **Educação**, Santa Maria, v. 49, n. 1, p. e107/1–19, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveduacao/article/view/85330>. Acesso em: 13 jan. 2026.

KOHAN, Walter. **Infância, estrangeiridade e escola: para entrar em sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LIMA, Vanessa Galindo Alves de Melo. **Hospedando dizeres, fazeres e aprenderes minoritários: o que as crianças e a infância nos dizem sobre o território currículo-escola na Educação Infantil**. 2021. 294 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/45010>. Acesso em: 9 de mar. 2026.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O Currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP et Alli, 2012.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículo e diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

PINAR, William Frederick. **O que é a teoria do currículo?**. Porto: Porto Editora, 2011.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SIMÕES; Eveline Daniele Borges Silva; ALENCAR, Alisson Clauber Mendes de; LINS, Carla Patrícia Acioli. A escola entre os movimentos de hospedar, acolher e incluir: crianças com necessidades de acompanhamento educacional especial. *In*: FRANCO, Maria Joselma do Nascimento; SALLES, Conceição Gislâne Nóbrega Lima de; SILVA, Alexsandro da (Orgs). **Docência, ensino e aprendizagem**. Curitiba: CRV, 2023. p. 181-198.

SOBRE O(S)/A(S) AUTOR(ES)/A(AS)

Alisson Clauber Mendes de Alencar. Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba. Professor da Educação Básica na Rede Municipal de Educação de Sumé, Paraíba. Doutorando na Universidade Federal de Pernambuco. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4055262617186678>

Carla Patrícia Acioli Lins. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Universidade Federal de Pernambuco. Coordenadora Geral de Cooperação e Estudos e Inovação da Fundação Joaquim Nabuco. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1756289961986779>

Como citar

ALENCAR, Alisson Clauber Mendes de; ACIOLI LINS, Carla Patrícia. UM CURRÍCULO HOSPITALEIRO EM REDES DELIRANTES: escapes éticos, estéticos e poéticos. **Revista Espaço Currículo**, v. 19, n. 1, e78235, 2026. DOI: 10.15687/rec.v19i1.78235.